

AULAS DE CIÊNCIAS SOBRE O CORPO HUMANO: QUAIS TEMÁTICAS E METODOLOGIAS INTERESSAM AOS ALUNOS?

GAMA, Anelize Cardoso^{1,3}; GIL, Robledo Lima^{2,3}; RIBEIRO, Gladis Aver^{2,3}

¹ Graduanda do curso de ciências biológicas;

² Docente do Departamento de Microbiologia e Parasitologia do Instituto de Biologia;

³ Universidade Federal de Pelotas.

1 INTRODUÇÃO

Convidar os alunos a um passeio nas montanhas, em que eles construir o percurso, mas que não estarão sozinhos e sim com um guia para que juntos consigam definir o melhor “caminho”. Baseado nesta analogia torna-se um desafio para qualquer professor, que tenha como princípio básico a aprendizagem dos alunos, a utilização da sala de aula como um espaço potencial para a pesquisa. Segundo Moraes (2002 apud Nicolini e Moraes, 2005, p.1; *acréscimo nosso*),

A pesquisa em sala de aula constitui-se numa viagem sem mapa; é um navegar por mares (*caminhar por montanhas*) nunca antes navegados (*explorados/caminhados*); neste contexto o professor precisa assumir novos papéis; de algum modo é um dos participantes da viagem que não tem inteiramente definidos nem o percurso nem o ponto de chegada; o caminho e o mapa precisam ser construídos durante a caminhada.

O professor que pensa e utiliza a pesquisa em sala de aula (MORAES, GALIAZZI e RAMOS, 2002) irá questionar sua própria prática docente, associar à realidade e criar alternativas metodológicas, o que irá refletir na formação do aluno questionador. A partir disso, se propicia um espaço onde os sujeitos serão estimulados, a partir do questionamento, a construir seus próprios argumentos, a fim de relacionar os conhecimentos prévios (cotidianos, de senso comum) com os científicos, contribuindo para a construção de um conhecimento dito escolar. Por fim, configura-se como de suma importância que se crie um ambiente onde os sujeitos possam comunicar e confrontar seus novos conhecimentos.

Ao observar atentamente o espaço escolar e suas problemáticas, percebemos que nem sempre o aluno é o problema, por vezes a excessiva preocupação em cumprir o currículo deixa de lado o estímulo à curiosidade científica (NISHIMOTO et al., 2007), pois quando se cria uma postura problematizadora frente aos conteúdos científicos fazemos com que os alunos busquem novos conhecimentos e sejam responsáveis pela sua própria aprendizagem, necessitando, para isso, que o professor e os alunos se desacomodem dos seus *status quo* e assumam uma nova postura frente ao processo educativo (NICOLINI e MORAES, 2005).

Especificamente ao *locus* na qual esta pesquisa se insere, qual seja uma experiência de ensino realizada durante o estágio supervisionado no ensino de ciências, entende-se ser de suma importância, a partir das lembranças de nossos professores e dos modelos didáticos por eles adotados em suas respectivas práticas pedagógicas, refletir sobre qual postura adotar frente à realidade de cada escola. Assim, objetivou-se avaliar quais temáticas e metodologias interessavam aos alunos, a fim de planejar aulas diferenciadas do modelo tradicional.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O estudo foi realizado com uma turma de 7^a série, do noturno, de uma escola pública na cidade de Pelotas/RS, na qual estavam presentes 18 alunos

com faixa etária entre 14 a 30 anos. Esta turma foi escolhida como requisito ao desenvolvimento do estágio supervisionado no ensino de ciências, para os graduandos de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pelotas.

Foi aplicado um questionário aberto individualizado com as seguintes questões: (1) *Que sugestões vocês podem dar para as futuras aulas de ciências?* (2) *Que tipo de aula vocês gostariam de ter durante o trimestre?* Tais questionamentos tinham como objetivo verificar quais temáticas e metodologias despertavam maior interesse por parte dos alunos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Temáticas propostas pelos alunos

Em se tratando das temáticas sugeridas por estes, pôde-se perceber maior interesse numa aula de ciências que envolvesse discussões sobre doenças, alimentos e sexo. Uma hipótese provável para a curiosidade com relação às doenças recai sobre a influência direta ou indireta da mídia, em específico sobre assuntos que envolveram o alerta aos cuidados e a vacinação contra o vírus H1N1, tema este exaustivamente tratado pelos meios de comunicação.

Já em relação ao interesse pelos alimentos, percebe-se preocupação demasiada com a estética, visto que esta coincide com a faixa etária destes alunos, em que o corpo do adolescente passa por grandes modificações, o que pode gerar um desequilíbrio nutricional nessa fase e contribuir para o sobrepeso (SILVA et al., 2009).

A sexualidade não teria como ficar de fora das sugestões propostas pelos estudantes, pois poucos professores abordam este assunto, trabalhando de uma forma muitas vezes discreta (ROCHA, FARIA e MYOTIN, 2002), até mesmo por que se trata tal temática como uma espécie de tabu, o que pode gerar um ambiente onde o aluno não se sinta a vontade para fazer questionamentos. Dessa maneira, quando a escola não abre espaço para este assunto em sala de aula, pode indicar, para o aluno, que realmente tal temática “seria algo tão individual que cada um guardaria para si, sem comentários: no máximo, pode-se conversar sobre isso em casa” (SUPLICY, et al., 2000, p.10).

3.2 Metodologias de ensino sugeridas pelos alunos

No que se referem às metodologias de ensino, os alunos apontaram como sendo significativas “aulas de vídeo” (24,13%), “aulas diferentes” (17,24%), “aulas interessantes” (10,34%), “aulas de visualização do corpo” (10,34%), “aulas sem copiar” (6,89%), “aulas práticas” (6,89%), “aulas animadas e com brincadeiras” (3,44%), “aulas com dinâmicas” (3,44%), “aulas de conversas sobre o conteúdo” (3,44%), “aulas sem textos” (3,44%), “aulas de jogos” (3,44%), “aulas com desenhos” (3,44%), “aulas com exercícios” (3,44%).

As “aulas de vídeo” para maioria das escolas é uma alternativa disponível, mas que muitas vezes o uso inadequado pode passar uma impressão para o aluno de que esse tipo de aula serve para “passar o tempo” (MORAN, 1995 apud SACERDOTE, 2010). Em contrapartida, possibilita tanto para o aluno quanto para o professor “sair da rotina” das aulas transmissivas características do modelo tradicional, possibilitando a socialização dos sujeitos (SACERDOTE, 2010). Por essa razão, entendemos que esta foi a opção mais escolhida entre os estudantes.

Da mesma forma, “aulas diferentes” talvez representem uma metodologia que vai de encontro ao método tradicional, em que o papel do indivíduo está na posição de mero receptor de informações.

Verificou-se que os alunos querem “aulas de visualização do corpo”, compreender o funcionamento deste como um todo, e não como é trabalhado num sentido fragmentado, igualmente como é abordado nos livros didáticos. Tal ênfase corresponde a uma visão cartesiana, onde cada sistema desempenha sua própria função sem que haja integração entre os demais sistemas do corpo e do corpo com o ambiente que o cerca, corroborando assim “para a redução e simplificação de seu caráter complexo, o distanciamento do mundo experimental dos alunos e a sua descontextualização” (GIL e KRÜGER, 2003, p.80). O estudo do corpo nas escolas é trabalhado, na maioria das vezes, a nível unicamente patológico.

3.3 Atividades planejadas durante o estágio supervisionado

Cabe salientar que as aulas foram planejadas de acordo com o interesse dos alunos, tanto em seus aspectos teóricos quanto metodológicos. Assim, planejadas as seguintes atividades (Figura 1):

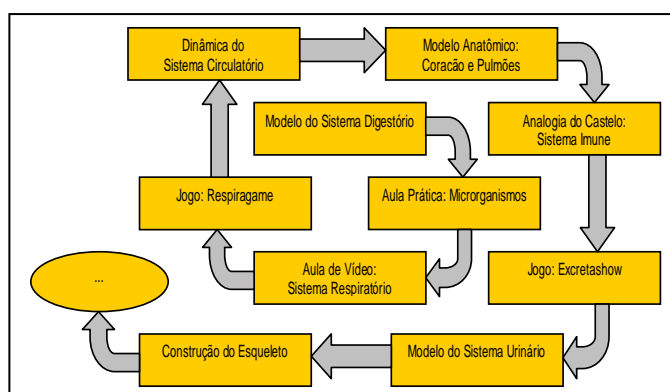


Figura 1. Representação esquemática das atividades realizadas durante as aulas de ciências.

4 CONCLUSÕES

Resgatando a analogia da montanha, citada na introdução deste trab, chega-se à conclusão de que nem sempre o ponto mais alto de uma montanha terá as melhores belezas, assim como não precisamos montar aulas inéditas para que ocorra o aprendizado. Entende-se, como de suma importância, envolver os estudantes nas escolhas do que (quais temáticas) e de que forma (quais metodologias) gostariam de aprender nas aulas de ciências, sendo o professor um guia (mediador) do processo de ensino e aprendizagem.

Com esta pesquisa, pôde-se perceber que as principais temáticas apontadas pelos estudantes, em se tratando do corpo humano, foram as doenças, os alimentos e a sexualidade. As aulas consideradas mais atrativas envolveriam, principalmente, o vídeo e a visualização do corpo. Tais apontamentos sugerem uma prática pedagógica alternativa ao modelo tradicional, levando em consideração as idéias prévias dos alunos e a afetividade dos sujeitos.

Por fim, entende-se que este trabalho deverá ter continuidade, pois não foram abordados, nesta pesquisa, os aspectos mais significativos do

envolvimento dos alunos nas aulas de ciências propostas, em função do espaço limitado.

5 REFERÊNCIAS

GIL, Robledo L.; KRÜGER, Verno. A abordagem dos livros didáticos de ciências sobre o corpo humano e sua possível relação com as concepções dos alunos do ensino fundamental. In: **ENCONTRO SOBRE INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA**, 4., Lajeado - RS, 2003. Anais... Lajeado: UNIVATES, 2003. p. 80 - 83.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo; RAMOS, Maurivan G. Pesquisa em sala de aula: fundamentos e pressupostos. In: MORAES, Roque; LIMA, Valdeez Marina do R. (Org.) **Pesquisa em Sala de Aula: tendências para a Educação em Novos Tempos**. Porto Alegre – RS: EDIPUCRS, 2002. Cap.1, p. 9 – 23.

NICOLINI, Cristiane A. H.; MORAES, Roque. Educar pela pesquisa com projetos de aprendizagem: algumas experiências. **ENCONTRO IBERO- AMERICANO DE COLETIVOS ESCOLARES E REDES DE PROFESSORES QUE FAZEM INVESTIGAÇÃO NA SUA ESCOLA**, 4., Lajeado - RS, 2005. Anais... Lajeado: UNIVATES, 2005. p. 1 – 8.

NISHIMOTO, Milton T.; MOURA, Priscila Denize de; QUINTILIO, Maria Salete V.; ALVES, Vagner C.; Análise da curiosidade científica em alunos de ciências do ensino fundamental. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE FÍSICA**, 17., São Luis - MA, 2007. Anais... São Luis: UEMA/UFMA/CEFET, 2007. p. 1 – 5.

ROCHA, Maria C.; FARIA, Diná G. de; MYOTIN, Emmi. Corpo Jovem: O Que a Escola Ensina? **Revista Ponto de Vista**, Viçosa – MG, v.4, n.3/4, p. 49 - 60, 2002. Disponível em: <http://www.coluni.ufv.br/revista/docs/volume04/corpoJovem.pdf> Acesso em 9 ago 2010.

SACERDOTE, Helena C. de S. Análise do Vídeo como Recurso Tecnológico Educacional. **Revista de Educação, Linguagem e Literatura (REVELLI)**, Inhumas – GO, v.2, n.1 p. 28 - 37, 2010. Disponível em: http://www.ueginhumas.com/revelli/revelli3/numero_2/Revelli.v2.n1.artigo03.pdf Acesso em 9 ago 2010.

SILVA, Ana Roberta V.; DEMASCENO, Marta Maria C.; MARINHO, Niciane B. P.; ALMEIDA, Livia S. de; ARAÚJO, Márcio Flávio M. de; ALMEIDA, Paulo César; ALMEIDA, Isabela S. Hábitos alimentares de adolescentes de escola públicas de Fortaleza, CE, Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)**, Brasília – DF, v.62, n.1, p.18 - 24, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471672009000100003&script=sci_arttext Acesso em 6 ago 2010.

SUPLICY, Marta; EGYTO, Antonio Carlos; BRANCO, Cordélia C.; GONÇALVES, Elisabeth V.; MENOCCI, Dalva T.; SILVA, Ricardo de C. e; SAYÃO, Yara; SILVA, Maria Rosad; BOCK, Silvio D.; SILVA, Maria Cecília P. da. **Sexo Se Aprende Na Escola**. São Paulo, SP: Olho d' Água,